

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

M P L A

BOLETIM
de
ORIENTAÇÃO POLÍTICA

A GUERRA PROLONGADA EM ANGOLA

caderno nº 3

editado pelo DOP

Março 1973

EM ESSÊNCIA SOMOS MAIS FORTES QUE O COLONIALISMO PORTUGUÊS

Para se definir uma linha estratégica, a primeira diligência consiste na análise das forças e fraquezas do inimigo, assim como das nossas próprias forças e debilidades.

Pontos fortes do colonialismo português

- 1) Portugal é um país mais desenvolvido do que Angola;
- 2) O exército português é numeroso, relativamente bem armado e equipado;
- 3) Portugal beneficia do auxílio económico, financeiro, militar, político e moral do conjunto dos países imperialistas e em especial da OTAN, da qual é membro;
- 4) Angola é uma colónia de povoamento, pelo que há um grande número de colonos (de 350.000 a 400.000) com interesses pessoais a defender, e no seio dos quais se recrutam facilmente numerosos elementos para as organizações ultra-colonialistas;
- 5) Os quinhentos anos de presença portuguesa em Angola possibilitam aos colonialistas um conhecimento relativamente profundo do nosso país e da mentalidade do nosso povo;
- 6) Angola está situada na África Austral, e o colonialismo português conta com o apoio particularmente firme dos racistas da África do Sul e da Rhodesia;
- 7) Portugal tira rendimentos avultados da exploração económica das suas colónias;
- 8) O regime policial em Portugal permite manter uma aparência de unidade nacional em torno do governo fascista e de qualquer maneira possibilita uma unidade de acção relativamente forte;
- 9) A própria incapacidade estrutural de Portugal em manter um sistema neocolonialista, leva o regime fascista a prosseguir teimosamente na sua política colonial;
- 10) A sabotagem da Revolução feita pelos oportunistas e seus mentores é protectora, permitiu que o colonialismo

português ganhasse tempo e pudesse organizar melhor o seu dispositivo repressivo;

11) No seio do povo português não existem divisões de carácter étnico ou tribal; as divisões são, sim, de natureza classista.

Debilidades do colonialismo português

1) Portugal conduz uma guerra de rapina, profundamente injusta, contra os interesses mais fundamentais do povo angolano, pela manutenção dum regime extremamente retrógrado, condenado há muito, pela História e pela consciência humana;

2) Como corolário da sua guerra injusta, os métodos empregados pelos colonialistas são extremamente bárbaros e racistas;

3) O fascismo português conduz três guerras coloniais em África, nomeadamente em Angola, Guiné e Moçambique, e defronta com o descontentamento popular nas outras colónias;

4) As linhas logísticas do exército colonial são demasiado extensas, uma vez que tanto Moçambique, como Angola e Guiné se encontram a milhares de quilómetros de Portugal;

5) Se por um lado o regime fascista instaurado em Portugal assegura uma grande unidade de acção, por outro lado cataliza o aparecimento de movimentos revolucionários portugueses que se lançam na via armada, abrindo-se assim a quarta frente no próprio território português;

6) Não obstante ser mais desenvolvido que Angola, Portugal é também um país atrasado, sem indústria de armamentos, nem, duma maneira geral, uma forte base económica;

7) O subdesenvolvimento de Portugal fá-lo depender demasiado das grandes potências imperialistas;

8) O regime colonial português, que sempre teve como objectivo a permanência portuguesa em Angola, só muito tar-

de começou a preocupar-se seriamente ^{com} o problema de criação de políticos africanos corrompidos;

9) Apesar de Angola ser uma colónia de povoamento europeu, o número de africanos é de longe superior (13 vezes!), e os povos das colónias portuguesas em guerra representam também um total superior ao povo português;

10) Não obstante os 500 anos de colonialismo, nunca os portugueses serão tão bons conhecedores de Angola e da mentalidade do seu povo, nem jamais estarão tão habituados ao clima e condicionamentos externos como os próprios angolanos;

11) Embora os colonialistas usufruam do apoio imperialista, a verdade é que Portugal está cada vez mais isolado politicamente, em virtude precisamente do carácter particularmente retrógrado do seu regime agressivo;

12) Não é fácil a Portugal aumentar o seu esforço de guerra porque não obstante ser um país subdesenvolvido, dispende relativamente mais para a guerra do qualquer outra grande potência, além de que os seus efectivos militares dificilmente poderão crescer em virtude da relativa escassez da sua população e sobretudo da emigração galopante e das deserções nicas que tomam aspectos cada vez mais dramáticos;

13) É impossível ao exército português controlar eficazmente a imensidão do território angolano;

14) Por maior que seja a "mentalização" fascista, o moral da tropa portuguesa não pode ser elevado (e muito menos o dos fantoches) dado o carácter injusto da guerra colonial.

Fraquezas do povo angolano

1) O povo angolano é um povo de baixo nível técnico, sendo na sua maior parte analfabeto e sem experiência de condução dum estado moderno;

2) O tribalismo e o racismo dividem o povo angolano e a nação angolana é uma realidade recente;

3) Os angolanos não têm tradição de condução de luta no seio dum exército regular;

4) A confusão gerada pelos fantoches debilitou bastante

- o povo angolano durante os primeiros anos de guerra;
- 5) O corpo de guerrilheiros do MPLA é numericamente fraco e seu armamento é insuficiente e elementar, na medida em que o MPLA não dispõe de forças blindadas, aéreas ou navais, nem sequer de artilharia pesada;
 - 6) A situação geográfica de Angola na África Austral dificulta seriamente a tarefa nacionalista. A fronteira com o Sudeste Africano é pura e simplesmente má.

Forças do povo angolano

- 1) O povo angolano conduz uma guerra justa, na sua própria terra, contra a agressão e a exploração estrangeiras;
- 2) O povo angolano é dirigido por um partido de vanguarda, o MPLA, guia esclarecido de vontade inquebrantável;
- 3) A guerra conduzida pelo MPLA alia o ímpeto nacionalista à luta pela conquista dos direitos mais sagrados das massas trabalhadoras e pela democracia;
- 4) O povo angolano é muito mais numeroso do que os colonos, está perfeitamente adaptado ao terreno, ao clima, à alimentação e a todas as condições locais;
- 5) A natureza justa e popular da guerra de libertação permite mobilizar todo o povo, todas as classes e camadas sociais, com excepção somente dum punhado de traidores;
- 6) Apesar de não ter experiência de luta no seio dum exército regular, o povo angolano tem uma velha tradição de guerra contra o ocupante colonial;
- 7) Os quinze anos de existência do MPLA e doze anos de guerra já conferiram ao povo angolano e ao seu Movimento de Vanguarda uma vasta experiência revolucionária;
- 8) O carácter justo do nosso combate libertador grangeiam para o povo angolano e para o MPLA o apoio de toda a Humanidade progressista, em particular dos países africanos amigos, dos países socialistas e das organizações e partidos progressistas de todo o mundo;
- 9) A justeza da nossa causa faz das organizações progres-

sistas de Portugal nossas aliadas e determina ^{não} a existência de contradições antagónicas entre nós e o povo português;

10) Igualmente a justeza da nossa causa e a certeza da nossa vitória faz de alguns colonos nossos aliados, ao mesmo tempo que neutraliza outros sectores de colonos;

11) A luta sem quartel contra os fantoches permitiu que o povo angolano tivesse maior consciência dos objectivos profundos da nossa Revolução.

Eis, pois, chegado o momento de se fazer o balanço de todos os factos enunciados anteriormente.

As vantagens do colonialismo português - exército mais numeroso, melhor treinado e equipado, rendimentos avultados da exploração colonial, vontade de prosseguir com a política colonial, unidade de acção forçada pelo estado policial, número elevado de colonos, recomposição das forças como resultado da sabotagem dos fantoches - são temporárias e não essenciais. Num futuro relativamente próximo, o MPLA poderá contar com mais homens em armas, as actividades bélicas poderão provocar a queda dos lucros coloniais, e assim sucessivamente.

Outras vantagens do colonialismo português de carácter duradouro ou permanente - maior desenvolvimento industrial do que Angola, unidade étnica - constituem factores utilíssimos para o arranque futuro dum Portugal democrático, mas não são de forma alguma decisivos na guerra que hoje se processa.

É verdade que a ajuda imperialista e racista são factores importantíssimos favoráveis ao colonialismo; de tal forma importantes que Portugal perderia a guerra no espaço de um ano sem esse apoio, para ele vital. No entanto, a ajuda imperialista é largamente condicionada pelos lucros que as grandes potências possam extrair de Angola, o que se torna portanto num factor aleatório e temporário, uma vez que um dos objectivos do MPLA consiste precisamente na sabotagem dos centros económicos.

Neste contexto, o inimigo mais irredutível são os regimes racistas da África do Sul e da Rhodesia. Porém, o povo angolano politizado e organizado no seio do MPLA será mais forte do que eles. Além disso, se é verdade que o colonialismo tem os seus amigos, também o povo angolano conta com aliados dos.

Finalmente o último factor em favor dos colonialistas: o seu conhecimento das realidades angolanas. É de facto um elemento importante, mas nesse domínio a vantagem pertence logo desde o início ao povo angolano, porque ninguém melhor do que ele conhece o seu próprio país.

Pela simples enumeração das debilidades do colonialismo português se vê que são essenciais, profundas e duradouras: a guerra será sempre injusta, o colonialismo será sempre um regime retrógrado e condenado, as guerras dos povos de Angola, de Moçambique e da Guiné prosseguirão até à vitória total, as linhas logísticas serão sem extensas de milhares de quilómetros, o povo português continuará a lutar e cada vez mais encarniçadamente, o fascismo está condenado em Portugal, o subdesenvolvimento de Portugal não poderá ser ultrapassado enquanto uma grande parte dos recursos nacionais fôr desviada para as guerras coloniais, a dependência de Portugal em relação às grandes potências não deixará de se acentuar no decurso da guerra, e assim sucessivamente.

As fraquezas do povo angolano, embora importantes, não são nem definitivas nem fundamentais.

O facto do povo angolano ser analfabeto e de baixo nível técnico nem impediu que a guerra fosse desencadeada em 1961, nem que ela desenvolvesse e continue a desenvolver-se. Aliás, uma das tarefas maiores do MPLA consiste precisamente na alfabetização das crianças e dos adultos e na formação de quadros.

Embora o tribalismo e o racismo sejam poderosas agentes desagregadores e tenham agido muito nefastamente em 1961, não resta dúvida que já foram largamente ultrapassados graças ao esforço ingente desenvolvido pelo MPLA que é hoje um partido verdadeiramente nacional, exercendo a sua influência sobre todo o território angolano. É a medida que a guerra se fôr generalizando, tanto maior será a unidade do povo angolano em torno do seu Movimento de vanguarda.

Se é verdade que os angolanos não têm tradição de luta no seio dum exército regular, também é verdade que já neste momento se estão a criar forças armadas semi-regulares, que se desenvolverão mais tarde num poderoso exército. Da mesma maneira os nossos efectivos militares

aumentarão, melhorará o seu equipamento e armamento e o seu nível técnico.

O único factor permanente no capítulo das debilidades do povo angolano é a situação de Angola na África Austral. Porém torna-se inútil fazer referência a este assunto, uma vez que já foi tratado a propósito da ajuda dos racistas a Portugal.

Todos os factores em que se baseia a força do povo angolano são essenciais, duradouros e - sobretudo - tornar-se-ão cada vez mais preponderantes porque são factores em vias de crescimento.

Por um lado o carácter permanente, fundamental e crescente dos factores que nos são favoráveis, e por outro lado o carácter temporário e aleatório dos factores favoráveis ao colonialismo português dão ao povo angolano a certeza da vitória.

Mas precisamente porque as vantagens do MPLA são crescentes, isto é, só vigorarão plenamente daqui a um certo número de anos, e porque o colonialismo dispõe hoje dum grande número de vantagens (embora temporárias) é que a nossa guerra popular tem de se processar ainda por grande número de anos, é uma guerra prolongada ou de longa duração.

Na verdade, só quando todo o povo angolano estiver em armas e organizado em torno do MPLA é que os elementos que nos são favoráveis poderão jogar plenamente em nosso favor.

Em curtas palavras, a estratégia do MPLA é a ESTRATÉGIA DA GUERRA PROLONGADA, porque é a única compatível com a relação de forças vigorando actualmente em Angola.

Embora imponha enormes sacrifícios, o MPLA não teme a guerra prolongada porque ela corresponde ao seu princípio político fundamental de mobilizar todo o povo para uma GUERRA POPULAR.

Com efeito, quanto mais prolongada é uma guerra, tanto mais possibilidades há de que o povo tome consciência e acabe por agir segundo os seus interesses. Eis porque os exploradores - desde os fascistas alemães aos portugueses - preferem uma Blitzkrieg, uma guerra-relâmpago, uma guerra de decisão rápida.

O MPLA contrapõe, pois, a estratégia portuguesa de guerra de decisão rápida, a sua estratégia de guerra prolongada. E a verdade é que, após onze anos de luta armada, já podemos afir-

na que conseguimos impor a nossa estratégia aos colonialistas portugueses.

A guerra de Angola, como todas as guerras populares prolongadas, eclode primeiro no campo, desenvolve-se até cercar as cidades, e só depois as ocupa. Isto não significa, evidentemente, que a actividade política não seja extremamente intensa nas cidades, que as redes clandestinas não semeiem o pânico nas fileiras colonialistas, e que não haja determinados tipos de combates armados nas cidades. Simplesmente, na sua essência, tendo conta somente os traços fundamentais, podemos dizer que a guerra parte do campo para a cidade. Diversos factores explicam esta orientação estratégica:

1º) É no campo que a exploração adquire formas mais cruas, mais desumanas, mais bárbaras. Por conseguinte, o potencial revolucionário do camponato é extremamente elevado;

2º) Os camponeses são de longe a camada social mais numerosa nos países subdesenvolvidos, cerca de 89% em Angola;

3º) Os camponeses constituem naturalmente o grosso dos efectivos dos exércitos revolucionários da Ásia, África e da América Latina;

4º) O campo é sector de Angola menos conhecido dos portugueses e ali onde o aparelho colonial se baseia numa infra-estrutura mais frágil;

5º) Por todas as razões acima apontadas, o campo é o sector mais vulnerável do colonialismo.

Por conseguinte, em Angola como em todos países subdesenvolvidos, o sentido de progressão da guerra vai do campo para a cidade.

Entretanto, não é pelo facto de a guerra partir do campo para a cidade que o papel da classe operária fica reduzido. Muito pelo contrário, a classe operária deve organizar o seu partido de vanguarda e em torno dele reunir as mais largas massas camponesas e os intelectuais revolucionários. Esta é a condição fundamental para o sucesso da guerra popular.

ARQUIVO L. LARI